

# OS HOMENS OCOS E A CULTURA-MUNDO: DE T. S. ELIOT À HIPERMODERNIDADE

Mauricio Cesar Menon<sup>1</sup>  
Fernando Bruno Antonelli Molina Benites<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste estudo é ler o poema *Os homens ocos* (1925), de T. S. Eliot, a partir da prefixação “hiper” proposta por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy em *A cultura-mundo* (2008). Acreditamos que a época descrita pelo poeta carrega características que vêm ao encontro das do tempo que levou os estudiosos a criar a terminologia em questão, fazendo o homem vítima do vazio moral e do hipercapitalismo, hipertecnificação, hiperindividualismo e hiperconsumo. Apoiados nessa intersecção e fundamentados em Russel Kirk, Otto Maria Carpeaux e Leyla-Perrone Moysés, buscamos, por meio da aproximação dos traços das duas épocas, mostrar que há uma essência vazia de sentido que as permeiam e com elas se relacionam.

**Palavras-chave:** *Homens ocos*. *Cultura-mundo*. Pragmatismo. Determinismo.

## Considerações iniciais

T. S. Eliot nasceu nos EUA em 1888 e, decidido a expandir seus horizontes culturais, mudou-se para a Alemanha em 1914. No entanto, a eclosão da guerra obrigou-o a procurar outro destino ainda no mesmo ano, e, desta feita, escolheu a Inglaterra, onde permaneceu até sua morte em 1965. Para Russel Kirk (2011, p. 135), a atmosfera da época em que viveu foi fundamental para moldar sua obra, visto que as grandes guerras tinham como pano de fundo um imenso vazio espiritual e constantes desilusões com as aristocracias decadentes, com os governos não confiáveis e incoerentes e com a ascensão dos regimes totalitários em boa parte da Europa.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela UEL-PR, docente no PPGEN – Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. UTFPR, Câmpus Londrina/PR. mcmenon@utfpr.edu.br

<sup>2</sup> Mestrando no PPGEN – Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. UTFPR, Câmpus Londrina/PR. professorfernandobruno@gmail.com

Era necessário que a capacidade de percepção ética que transpõe as barreiras da experiência privada e dos acontecimentos da ocasião fosse restaurada, congraçando novamente a justa ordem da alma à justa ordem da comunidade [...] Eliot começou a perceber que devemos alimentar a imaginação moral, que tem por base a teologia, a história e as imagens poéticas (KIRK, 2011, p. 140).

Para Kirk, essa combinação foi determinante para que a poesia de Eliot estivesse à frente da dos demais poetas, dando, àqueles que podem compreendê-la, uma visão de mundo mais ampla e transcendente. Ainda para o crítico, foi “a intersecção do temporal com o atemporal” o maior mérito de sua poesia (2011, p. 135), “gravitando em torno das coisas permanentes sem negligenciar os acontecimentos, circunstâncias e expectativas da civilização” (id., p. 135).

Otto Maria Carpeaux observa que “a repercussão da obra (de Eliot) quase equivale à história da poesia contemporânea” (2012, p. 2699). Para o crítico radicado no Brasil, a vasta gama de influências de Eliot ajudou-o a tornar-se “um modernista que na realidade é um passadista” (id. p. 2606). A conclusão mais adequada em relação à sua poesia é dizer que ela estabelece “uma relação entre o pessimismo e determinadas atitudes religiosas e políticas” (ibid., p. 2606).

Eliot serviu-se dos recursos métricos e sintáticos da poesia moderna, ao ponto de ele mesmo representar da maneira mais completa o modernismo anglo-americano, ao lado dos outros modernismos. Quem não entender, porventura, o sentido das poesias herméticas de Eliot, a este leitor incompreensivo revelarão os escritos críticos do poeta a significação da sua sátira e do seu desespero: Eliot é um saudosista dos tempos clássicos [...] sua imensa cultura literária, exibida nos seus escritos críticos e até nas notas das suas poesias, não é, portanto, esnobismo (CARPEAUX, 2012, p. 2604-2605).

E foi como crítico literário que Eliot foi analisado por Leyla Perrone-Moysés em sua obra *Altas literaturas* (1998), onde se propõe um cânone que leva em conta justamente os por ela denominados “escritores críticos” (1998, p. 11), defendendo que o poder formador e transformador da literatura depende de “os leitores vivenciarem a história literária como leitura sincrônica do passado” (id., p. 29). “O presente marcará o passado com sua influência e nos seguintes termos: lê-se o passado com os olhos do presente” (ibid., p. 30).

Para a estudiosa, a produção teórica e crítica de escritores como Eliot<sup>3</sup> atende aos seguintes critérios: “Maestria técnica”, “concisão”, “exatidão”, “visualidade e sonoridade”, “intensidade”, “completude”, “fragmentação”, “intransitividade”, “utilidade”, “impessoalidade”, “universalidade” e “novidade” (id. *ibid.*, p. 154 – 171). O que T. S. Eliot denominava “tradição” era, em sua obra, muito mais do que meros modelos a serem seguidos, mas sim elementos que vêm a ser recriados pela descoberta e redescoberta de escritores do passado à luz de sua época, acrescidos da experiência atual e de novos sentidos. Seus poemas não foram “a percepção do caráter passado do passado, mas a sua presença” (PERRONE-MOYSÉS, 1998, p. 30).

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, por contraste e comparação, entre os mortos (ELIOT, 1989, p. 39)

Por isso, a leitura de T. S. Eliot não é, de forma alguma, uma leitura simples. De sua vasta obra, destacamos aqui “Os homens ocios” (1925), sem a intenção de estabelecer diálogos com outros autores ou então mapear as influências de seu escritor, mas atendo-nos ao contexto histórico de sua produção e aproveitando-nos da possibilidade, quase um século depois, de realizarmos uma leitura com os olhos do presente. Acreditamos que esta leitura confirmará um dos pressupostos do próprio Eliot, o de que “a literatura deve ser uma continuidade cultural, uma comunidade de almas” (1989, p. 39). E que talvez encontrará em alguns dos acontecimentos contemporâneos traços de seu perfil traçado por Carpeaux:

[...] um americano que domina todo o passado da civilização européia; por conseqüência, explica as catástrofes políticas, espirituais e morais da Europa pelo abandono daquelas grandes tradições pelos europeus. É neófito, cristão novo chegando para ensinar aos cristãos velhos que ele considera como apóstatas já condenados (CARPEAUX, 2012, p. 2606).

---

<sup>3</sup> Outros autores elencados por Perrone-Moysés foram: Ezra Pound, Jorge Luís Borges, Ítalo Calvino, Michel Butor, Haroldo de Campos e Philippe Sollers. Ela defendeu em sua obra que o cânone não deveria basear-se em noções acadêmicas, mas sim de modernidade: importa a transmissão de valores literários às novas gerações e também a concepção de história da Literatura “não como um passado estático, um conjunto de obras e de autores mortos, mas como uma fonte viva onde o escritor contemporâneo vai buscar inspiração de forma atualizada” (PERRONE-MOYSÉS, 1998, p. 63).

## Os homens ocos<sup>4</sup>

Escrito na primeira pessoa do plural, o poema tem como seu primeiro grande feito convocar o leitor para fazer-se presente no campo da ação: lemo-nos em seus versos. Lá estamos, sendo descritos com todos os aspectos de nossa fraqueza: juntos, mas para quê, se, ocos e empalhados, não somos capazes de sustentar a nós mesmos e uns aos outros? Lutando sem movimentos, falando sem voz, movendo-nos como que paralisados, vivendo em terra morta e sonhando poder comportar-se como o vento no campo. A memória dos que se foram esclarece a tese pragmática do raciocínio do poeta, outro grande feito aqui alcançado: aqueles que lutam e se vão não são heróis, apenas almas condenadas de homens outrora ocos. Insistindo que nossas ações não conseguem alcançar o fim a que supostamente propõem-se, Eliot nos incomoda todo o tempo com uma questão profundamente arraigada no pragmatismo. Para quê?

Diz-se frequentemente do pragmatismo que faz da ação a finalidade da vida. Diz-se também do pragmatismo que subordina o pensamento e a atividade racional a fins particulares de interesse e lucro. É verdade que a teoria implica essencialmente certa relação com a ação, com a conduta humana. Mas o papel da ação não é o de um intermediário. Para ser capaz de atribuir um significado aos conceitos, uma pessoa deve ser

---

<sup>4</sup> Trad. Ivan Junqueira: Nós somos os homens ocos / Os homens empalhados / Uns nos outros amparados / O elmo cheio de nada. Ai de nós! / Nossas vozes dessecadas, / Quando juntos sussurrámos, / São quietas e inexpressas / Como o vento na relva seca / Ou pés de ratos sobre cacos / Em nossa adega evaporada / Fôrma sem forma, sombra sem cor / Força paralisada, gesto sem vigor; / Aqueles que atravessaram / De olhos retos, para o outro reino da morte / Nos recordam – se o fazem – não como violentas / Almas danadas, mas apenas / Como os homens ocos / Os homens empalhados. / Os olhos que temo encontrar em sonhos / No reino de sonho da morte / Estes não aparecem: / Lá, os olhos são como a lâmina / Do sol nos ossos de uma coluna / Lá, uma árvore brande os ramos / E as vozes estão no frêmito / Do vento que está cantando / Mais distantes e solenes / Que uma estrela agonizante. / Que eu demais não me aproxime / Do reino de sonho da morte / Que eu possa trajar ainda / Esses tácitos disfarces / Pele de rato, plumas de corvo, estacas cruzadas / E comportar-me num campo / Como o vento se comporta / Nem mais um passo / – Não este encontro derradeiro / No reino crepuscular / Esta é a terra morta / Esta é a terra do cacto / Aqui as imagens de pedra / Estão eretas, aqui recebem elas / A súplica da mão de um morto / Sob o lampejo de uma estrela agonizante. / E nisto consiste / O outro reino da morte: / Despertando sozinhos / À hora em que estamos / Trêmulos de ternura / Os lábios que beijariam / Rezam as pedras quebradas. / Os olhos não estão aqui / Aqui os olhos não brilham / Neste vale de estrelas túbias / Neste vale desvalido / Esta mandíbula em ruínas de nossos reinos perdidos / Neste último sítio de encontros / Juntos tateamos / Todos à fala esquivos / Reunidos na praia do túrgido rio / Sem nada ver, a não ser / Que os olhos reapareçam / Como a estrela perpétua / Rosa multifoliada / Do reino em sombras da morte / A única esperança / De homens vazios. / Aqui rondamos a figueira-brava / Figueira-brava figueira-brava / Aqui rondamos a figueira-brava / Às cinco em ponto da madrugada / Entre a idéia / E a realidade / Entre o movimento / E a ação / Tomba a Sombra / .....Porque Teu é o Reino / Entre a concepção / E a criação / Entre a emoção / E a reação / Tomba a Sombra / ..... A vida é muito longa / Entre o desejo / E o espasmo / Entre a potência / E a existência / Entre a essência / E a descendência / Tomba a Sombra / ..... Porque Teu é o Reino / Porque Teu é / A vida é / Porque Teu é o / Assim expira o mundo / Assim expira o mundo / Assim expira o mundo / Não com uma explosão, mas com um suspiro.

capaz de aplicá-los à existência. Ora, é por meio da ação que essa aplicação é tornada possível. E a modificação da existência que resulta dessa aplicação constitui o verdadeiro significado dos conceitos. O pragmatismo está, portanto, longe de ser aquela glorificação da ação por si mesma (DEWEY, 2008, p. 120).

O poeta também deixa claro que o que o incomoda é a espécie de determinismo que estabelece e coordena nossas ações, determinismo este que nos leva a agir, pensar e viver de modo a nunca entender o porquê e para quê do que fazemos. Somos, por conseguinte, homens ociosos, com medo dos “olhos”, personificação daquilo que oprime e determina nossa existência: somos movidos, não por conta do querer mover-se, mas por conta de um imperativo ao qual não somos capazes de oferecer resistência. Conforme Taine (apud CARPEAUX, 2012), a escolha livre é uma mera ilusão; o ato humano não é livre, mas resultado de fatores dos quais os homens não podem escapar: havendo uma causa que tudo determina, todos os acontecimentos se dão por um motivo que, por conseguinte, afeta a liberdade de escolha de todos os indivíduos, uma vez que, imersos no mundo, acabam não passando do resultado da influência do meio, da raça e do momento. Embora os dois primeiros não fiquem patentes na obra de Eliot – que certamente transcendeu seus pares no aproveitamento da teoria, escapando das fórmulas que marcaram a grande maioria das produções literárias nela embasadas –, ele deixa muito claro ser o momento o determinante das agruras que narra e descreve.

O determinismo [...] acarreta o papel ativo designado ao meio, ao espaço como pressionador das ações humanas e da sociedade. Consequentemente, o espaço e as coisas são mais importantes que as idéias e os pensamentos. [...] assim, incute uma nota fatalista e pessimista; pois não há como fugir, como também de nada adianta lutar. A única atitude que resta, a única solução existente é a aceitação da existência tal qual ela se apresenta. (THORP, 1965, p. 151).

Olhando sempre para as duas extremidades das ações (causa e consequência), o quadro pintado por Eliot evoca ecos de nossa existência no vazio. E a sua narração-descrição vem encontrar seu fim em versos que nos sugerem um ritual religioso, divididos em sílabas que aludem a um cântico cujo receptor é transcendental: “... Porque Teu é o reino”. Eliot sabe que o vazio de sua época é tanto externo (o racionalismo iluminista e o cientificismo positivista tentando reescrever a história sem a presença de Deus, assim como a ascensão dos totalitarismos renunciando a “terra morta” de seus versos, sem que

as pessoas pudessem atentar para isso) quanto interno (sofrendo ao mesmo tempo pressões e opressões e inserido em um cenário que assiste ser pintado com tintas cruéis dia após dia, o homem clama do vazio de sua alma, reticente, cheio de lacunas, sem poder de fato dar sentido a si no tempo e espaço em que vive).

Pragmatismo, determinismo e um contexto de produção desvendando uma existência que clamava por significação. A partir desses traços, é possível começar a delinear uma íntima relação entre “Os homens ociosos” e a época definida em *A cultura-mundo*: por mais que mudem os alçózes, pintem-se os cenários com outras cores, criem-se novas terminologias ou inventem-se novos motivos para a existência, não se pode considerar que as lacunas tenham sido preenchidas. A angústia de outrora pode até ter se modificado, mas de modo algum deixou de existir.

### **A cultura como mundo e como mercado**

Gilles Lipovetsky e Jean Serroy talvez tenham sido tão contundentes em sua análise por terem-na sustentado em pontos de apoio coesos, coerentes e auto-explicativos: eles esclarecem que as raízes das profundas modificações nos quadros social e cultural das últimas décadas estão fincadas nas grandes mudanças econômicas ocorridas no decorrer do século XX, aliando os resultados desses fenômenos à cada vez maior crise de valores do Ocidente, tudo isso culminando na desorientação da sociedade que mencionam logo no título de sua obra.

Além disso, os pensadores foram perspicazes ao elencar etapas para a evolução humana, condicionando-as às características das relações sociais que se estabeleciam, apresentando-as de modo diacrônico e perpassando três momentos distintos: assim, das relações clínicas e parentais<sup>5</sup>, que perduraram muitos séculos, saltamos, a partir do surgimento das democracias modernas, para a segunda fase, mais expansiva e baseada nos avanços técnico-científicos<sup>6</sup>; esta, por fim, acaba sendo radicalizada em nossa contemporaneidade, momento em que as interações são determinadas pelas lógicas do

---

<sup>5</sup> Fase em que as informações e valores eram transmitidos de geração em geração, valorizando e reforçando os vínculos daqueles que eram próximos e do grupo com a religião (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 14).

<sup>6</sup> Momento que presenciou uma revolução cultural, forjada pela democratização e secularização progressiva: a cultura assumiu uma voz crítica e questionadora, batendo de frente com aquilo que sempre fora considerado inquestionável e colocando-se acima do poder da Igreja e das tradições (id., p. 15).

individualismo e do consumismo<sup>7</sup>. É dessa forma que os autores elucidam o eixo lógico em torno do qual gravitamos atualmente.

Ninguém melhor do que Nietzsche conseguiu teorizar a angústia do homem moderno diante da “morte de Deus”. Mais nada é verdadeiro, mais nada é bom: quando os valores superiores perderam o direito de dirigir a existência, o homem ficou sozinho com a vida. Enquanto o sentimento de vazio aumenta, multiplicam-se comportamentos inebriantes para escapar à noite de um mundo sem valor, ao abismo da falta de objetivo e de sentido [...] a desorientação contemporânea não resulta mais apenas da depreciação dos valores superiores e da ruína dos fundamentos metafísicos do saber, da lei e do poder, mas da desintegração dos pontos de referência sociais mais comuns, mais “básicos”, provocada pela nova organização do mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 31).

Assim como não é possível desvincular a obra de T. S. Eliot do pano de fundo histórico de sua produção, também não é possível ler Lipovetsky e Serroy sem identificar o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim como eventos fundadores da Cultura-mundo que descrevem: após o trunfo do liberalismo sobre o comunismo, o mundo assistiu ao final de uma dicotomia que por longos anos o definira; no entanto, essa afirmação, ao invés de colaborar para o estabelecimento de um norte, acabou por determinar a desorientação como característica principal da época que se delineava. “Quanto mais os princípios do liberalismo moderno – o indivíduo, o mercado – governam o mundo democrático, mais nos encontramos desamparados com a sua aplicação” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 25).

O mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o *hipercapitalismo*, força motriz da globalização financeira; a *hipertecnificação*, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o *hiperindividualismo*, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias à antiga; o *hiperconsumo*, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil (id., p. 32).

---

<sup>7</sup> A cultura, devido às novas tecnologias, imposição de padrões e da lógica de consumo, passa a ser “uma janela para o mundo, que não cessa de remodelar nossos conhecimentos sobre ele, difunde por todo o planeta vagas sucessivas de imagens, filmes, músicas, séries televisivas e espetáculos desportivos e transforma a vida política, os modos de existência e a vida cultural, impondo-lhes um novo modo de consagração e a lógica do espetáculo” (ibid., p. 8).

A leitura dos estudiosos esclarece que, girando em torno de um eixo meramente mercantil, é a individualização da existência o grande passo dado em nossa época: entregues a si mesmos, os homens acabam encurralados e elegem a lógica de mercado como início e fim de suas ações, movendo-se a partir de necessidades individuais ancoradas na insatisfação. Da mesma maneira que “encontra nos prazeres fáceis e variados de consumo os temperos da vida que não encontra em outros lugares” (ibid., p. 41), o indivíduo sofre

[...] uma forte ansiedade, não apenas naqueles que não dispõem das capacidades de auto-organização e de adaptação permanente, como também dos assalariados em geral, cada um deles tornado responsável por sua situação profissional e por seu futuro [...] no sistema econômico de curto prazo, em que os trabalhadores são “descartáveis”, um grande número de pessoas, inclusive da classe média, vive uma experiência de fracasso pessoal no isolamento e na vergonha de si mesmo, que dão origem à amargura, ao desencorajamento, à depressão. É dessa forma que diminui o sentimento de fazer diferença enquanto pessoa e de ser necessário aos outros e à sociedade (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 36-37).

Fica clara, assim, intersecção latente entre os diferentes períodos: por mais que seja possível diferenciarmos os alçozes, é reiteradamente impossível não atribuímos ao homem a condição de vítima em cada uma das épocas. Ambas as leituras revelam-se não só significativas, mas sim complementares ao avaliamos a subjetividade humana nos diferentes tempos descritos: o determinismo e o pragmatismo encontram diferentes agentes; entretanto, isso não significa que não mais nos oprimam. Eles continuam a desempenhar seus papéis.

### **O entre-guerras e a hipermodernidade: a intersecção (terra desolada)**

Eliot classificou-nos “occos” por, sem uma essência maior, movermo-nos a partir dos imperativos da realidade. Há, naturalmente, uma forte abstração nesses imperativos (é comum ao espírito humano em tempos de guerra não conseguir fazer julgamentos objetivos que vão além da própria sobrevivência), o que, todavia, não deixa de imprimir pesada carga determinista, conforme já observado anteriormente, no comportamento humano: perdidos, mas ainda assim, vagando. Tal temática foi recorrente em sua obra, como podemos observar nos seguintes versos de “Terra desolada” (1922), talvez seu poema mais aclamado e famoso:

*Revista de Letras Norte@mentos*

Quem é o outro que sempre anda a teu lado? / Quando somo, somos dois apenas, lado a lado, / Mas se ergo os olhos e diviso a branca estrada / Há sempre um outro que a teu lado vaga / A esgueirar-se envolto sob um manto escuro, encapuzado / Não sei se de homem ou de mulher se trata / - Mas quem é esse que te segue do outro lado? / Que som é esse que alto pulsa no espaço / Sussurro de lamentação materna / Que empuçadas hordas são essas que enxameiam / Sobre planícies sem fim, tropeçando nas gretas da terra / Restrita apenas a um raso horizonte arrasado / Que cidade se levanta acima das montanhas / Fendas e emendas e estalos no ar violáceo / Torres cadentes / Jerusalém Atenas Alexandria / Viena Londres / Irreais / Amigo, o sangue em meu coração se agita / A tremenda ousadia de um momento de entrega / Que um século de prudência jamais revogará / Por isso, e por isso apenas, existimos / E ninguém o encontrará em nossos necrológios / Ou nas memórias tecidas pela aranha caridosa / Ou sob os lacres rompidos do esquálido escrivão / Em nossos quartos vazios (trad. Ivan Junqueira)

A necessidade constante de questionamentos profundos presente na obra de Eliot parecia advir dessa outra figura, a que “a teu lado vaga”. Despidos de motivações intrínsecas e levados adiante por essa presença inevitável - talvez da morte, da desgraça, do desolamento, da existência, talvez de todos juntos -, movendo-se simplesmente por ser levado a mover-se: algo nos empurra, mas o quê? Essa força externa dá ao período entre-guerras um caráter imperativo, ao passo em que o homem acaba sendo o resultado de uma funesta equação onde tal força é a determinante das variáveis que implicam sempre na angústia interna, que é o ponto de contato com os conceitos que podemos ler em Lipovetsky e Serroy: para eles, o único imperativo contemporâneo absolutamente abstrato é a ansiedade; todos os demais são, além de concretos, materiais; são advindos da necessidade constante que o homem cria para si mesmo, estabelecendo sempre metas a serem cumpridas. Problema é que uma sociedade desorientada vai conseguir traduzir tais metas em produtos, entrando em uma interminável espiral consumista: compra-se um produto, precisa-se imediatamente de outro, e o mercado age muito mais rápido do que qualquer um de nós. Como resultado, sentimo-nos obrigados por essa força externa a movermo-nos, assim como fazíamos outrora.

O triunfo do hipercapitalismo não é apenas econômico; é cultural, tornando-se o esquema organizador de todas as atividades, o modelo geral do agir e da vida em sociedade. Ele atingiu o imaginário coletivo e individual, os modos de pensamento, os objetivos da existência, a relação com a cultura, com a política e com a educação. Para onde a burguesia envia hoje seus filhos? Para as escolas de comércio, mais que

para a Escola Normal Superior; de mais bom grado para os negócios e as finanças do que para as letras, a história ou até mesmo as ciências exatas. A cultura de negócios ganhou seus títulos de nobreza: já não é evitada pelos “herdeiros”. Ser bem-sucedido é ganhar no mundo da competição, e ganhar dinheiro: o modelo de mercado foi realmente interiorizado, rompendo o antigo tabu do dinheiro. Daí em diante, tudo é pensado em termos de rentabilidade e de desempenho, de maximização dos dividendos, de cálculo individualista dos custos e dos benefícios. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 38)

Por fim, é dado ao homem o agir, mas nunca o motivo de tal agir. Existir por existir acaba sendo a essência de cada um de nós, que, se perguntados, independentemente da época, “Por quê? ”, titubearemos ou então daremos uma resposta na qual nem nós mesmos somos capazes de acreditar. Vale ressaltar que ambas as obras partem da mesma denúncia e chegam ao mesmo grito: a interlocução buscada por Eliot em suas últimas estrofes –

Entre a idéia / E a realidade / Entre o movimento / E a ação / Tomba a Sombra / .....Porque Teu é o Reino / Entre a concepção / E a criação / Entre a emoção / E a reação / Tomba a Sombra / ..... A vida é muito longa / Entre o desejo / E o espasmo / Entre a potência / E a existência / Entre a essência / E a descendência / Tomba a Sombra / ..... Porque Teu é o Reino / Porque Teu é / A vida é / Porque Teu é o / Assim expira o mundo / Assim expira o mundo / Assim expira o mundo / Não com uma explosão, mas com um suspiro.

- revelam o porquê de nosso estado oco: falta-nos sermos preenchidos pelo transcendental. Falta-nos acreditar, entender, buscar, nele esperar. O autor dialoga, nesse momento, com a Bíblia Sagrada, mostrando-nos conhecer o motivo da angústia e saber como aplacá-la:

Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome; Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu; O pão nosso de cada dia nos dá hoje; E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; E não nos conduzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque Teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém. (Mt 6:9-13)

Observar atentamente os versos e a corrente semântica neles presente revela a presença de Deus como resposta aos homens ocos: Dele é o reino e, por conseguinte, Dele é a vida. Conforme bem observado por Carpeaux (2012), Eliot é o cristão novo que sabe

ler o problema e denunciar os cristãos velhos. Por mais que as condições do período favorecessem uma vida aparentemente sem sentido, o poeta sabia onde encontrar tal sentido para mover-se.

Mesmo motivo puderam enxergar Lipovetsky e Serroy. A dimensão econômica (2011, p. 8) da cultura cobra seu preço: a sociedade de hoje organiza-se sobre a desorganização, quebrando antigos paradigmas (as velhas oposições Igreja – Estado, Capitalismo – Comunismo e outras tantas que nos definiram por séculos não ocupam mais posição central) e deixando o indivíduo, desde a sua identidade sexual, passando pela relação familiar e função sócio-política, desorientado, inseguro e instável. O fim das dicotomias clássicas faz do homem um ser incapaz de sentir-se preenchido, sedento assim pelas antigas antíteses que lhe forneciam suporte existencial. Prova disso é que nem mesmo toda a desorientação fez com que os homens parassem de trazer à tona o que realmente querem que os mova:

Nem todas as referências morais se evaporaram. Na realidade, nossas sociedades se organizam e refletem sobre si mesmas tendo por base valores humanistas essenciais, que se afirmam com ainda mais força quando o investimento no político declina. Qualquer que seja a extensão das desigualdades, os ideais de justiça, de solidariedade, de abertura para o outro não caducaram. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 136)

As assertivas de Eliot parecem tomar contornos de realidade na hipermodernidade de Lipovetsky e Serroy. Finda a Primeira Guerra, veio a Segunda, a Fria, a das polarizações, e finalmente, os tempos que comumente são chamados de “paz”, com as nações se unindo, organizando-se e falando em derrubar todas e quaisquer fronteiras. A bomba não foi detonada, mas decerto não foi dado ao homem o conhecer-se a si mesmo, o encontrar suas razões e motivações convincentes: será o mundo hipermoderno a terra desolada? Findos os conflitos exteriores, é ao interior que o homem tem sucumbido. Na ausência de explosões, suspiramos, e vai-se expirando o mundo.

### **Considerações finais**

O homem sempre esteve no centro das preocupações literárias. Ao passo em que a condição humana preenche linhas e páginas, é a humanização do interlocutor o fim último dessa arte. Ler, compreender e traduzir o homem tem sido o esforço de uma série

de autores, que, ao cumprir tal tarefa, deixaram-nos evidências da história que vivemos, dos pensamentos que tivemos, das aflições que compartilhamos e dos excessos e faltas que cometemos. Graças a eles temos a oportunidade de conhecermo-nos mais e melhor; graças a isso podemos trazer à baila questões que talvez nem seríamos capazes de compreender; graças a essas, podemos buscar aprimorarmo-nos; e, graças a isso, somos aptos a ver os fatos no tempo não em linha, mas em uma estrutura circular.

É o pêndulo da história que uniu Eliot a Lipovetsky e Serroy. São as épocas diferentes em cores, substantivos e adjetivos que se uniram por esse sentido de ações. Não fomos ocos em determinado momento – assim o somos – ou, ao menos, assim permanecemos. Qualquer análise psicológica, sociológica, econômica ou espiritual do homem tende a apresentar os mesmos fatos, dos quais não sabemos o início, mas sabemos não terem ainda tido fim.

Não podemos ser protagonistas – há sempre algo à nossa frente, sempre um “por quem e para quem” fazermos. Eliot sugere que esse algo estava para além da matéria. Hoje, findas as Guerras (ao menos, enquanto substantivos próprios), escrevemos uma história na qual nos pretendemos protagonistas, uma vez que o Mercado (ao menos, enquanto substantivo próprio) – pensamos - é abstrato demais para nos dar ordens. Temos regulado nossas vidas achando-nos protagonistas, mas na verdade somos ainda as peças do jogo. Os homens ocos ainda não foram preenchidos. Ao menos, não por algo que possa mudar o quadro. E a existência continua a ser um “mover-se sem saber-se”.

Tanto Eliot no passado quanto Lipovetsky e Serroy no presente reconhecem-nos em suas épocas como seres lacunares, movidos e acossados por forças exteriores nem sempre reconhecíveis; sentimo-las grandes e imperceptíveis, visíveis e evanescentes, presentes e carregadas de sentido de ausência; enfim, traduzem-se em paradoxos que podemos entender sem explicar com precisão, confirmando os versos finais de Eliot: “Assim expira o mundo / Não com uma explosão, mas com um suspiro”.

## Referências

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada: O Antigo e o Novo Testamento*. Santo André: Imprensa Bíblica Brasileira, 2008. 2366p.

CARPEAUX, Otto Maria. *A história da literatura ocidental*. Vol. 4. São Paulo: Leya, 2012. 2875p.

DEWEY, John. O desenvolvimento do pragmatismo americano. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. In: *COGNITIO-ESTUDOS*, v. 5, n° 2, São Paulo: Centro de estudos sobre Pragmatismo. PUC- SP, jul.-dez.2008, p. 198-203. Disponível em <<https://deweypragmatismo.files.wordpress.com/2014/04/o-desenvolvimento-do-pragmatismo-segundo-dewey.pdf>>. Acesso em 19 mai. 2017.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: *Ensaaios*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: ArtEditora, 1989. p. 37-48

\_\_\_\_\_. *Obra completa, v.1 - Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004. 568p.

KIRK, Russel. *A era de Eliot*. São Paulo: É Realizações, 2011. 656p.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 208p.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 240p.

THORP, Willard. A persistência do naturalismo no romance. In: *Literatura americana no séc. XX*. Trad. Luzia Machado da Costa. São Paulo: Lidador, 1965. p. 151-198.

## THE HOLLOW MEN AND THE WORLD-CULTURE: FROM T.S. ELIOT TO HYPERMODERNITY

### ABSTRACT

The aim of this study is to read the poem *The Hollow Men* (1925), by T.S. Eliot, from the "hyper" prefixation proposed by Gilles Lipovetsky and Jean Serroy in *The World-Culture* (2008). We believe that the time described by the poet bears characteristics that coincide with those of the time that led the scholars to create the terminology under discussion, making men concomitantly a victim of the moral emptiness and of the hypercapitalism, hypertechinization, hyperindividualism and hyperconsumption. Based on this intersection and supported by Russel Kirk, Otto Maria Carpeaux and Leyla-Perrone Moysés, we aimed to, through the approximation of the traits of the two epochs, show that, from the human point of view, there is a vacuous essence that permeates and relates to them.

**Keywords:** *Hollow men. Culture-world. Pragmatism. Determinism.*

Recebido em 10/09/2017.

Aprovado em 02/12/2017.

*Revista de Letras Norte@mentos*

Estudos literários, Sinop, v. 11, n. 24, p. 92-104, jan./jun. 2018.

104